

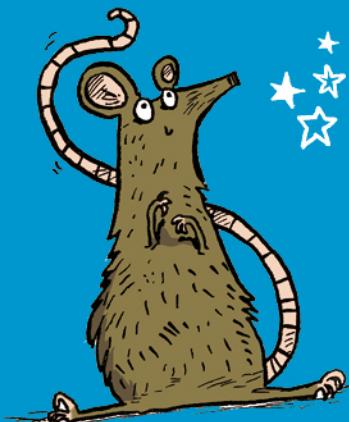
A. B. Saddlewick

# Mia Monstruosa

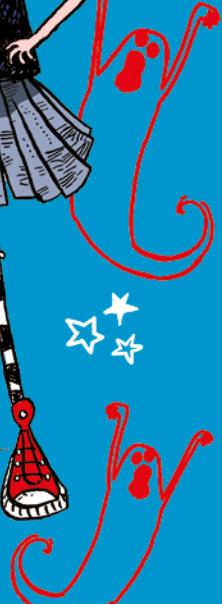
Jy

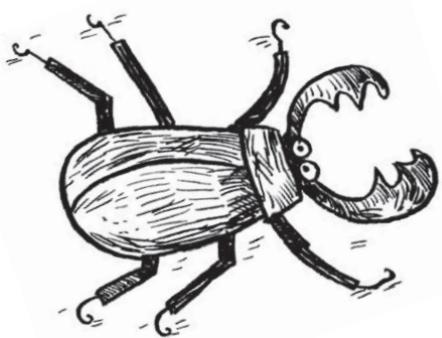


DIA DOS JOGOS  
HORRIPILANTES



 MILK SHAKESPEARE





A. B. Saddlewick

Tradução: Andresa Vidal

# Mia Monstruosa 2

DIA DOS JOGOS  
HORRIPILANTES



Um agradecimento  
especial a Tim Collins





# Capítulo Um

O rato de estimação de Mia, Quentin, espiou para fora do bolso da gola da camisa dela. Quando viu Penélope, guinchou de medo e foi logo mergulhando de volta.

Mia ouviu risadinhas logo atrás e se virou para ver sua colega menos favorita da classe. Penélope Peçonhenta era uma bruxinha com um vestido preto esfarrapado, chapéu pontudo e longos cabelos roxos, e nunca perdia uma chance de atormentar Paprika e Mia.

— Vamos, Paprika! O Dia dos Jogos Horripilantes está chegando — gritou Mia. — Você consegue, sei que consegue!

Paprika se pôs a correr e lançou o capacete de metal na direção da rede. Ele quicou uma vez, depois outra...

... e passou um cabo de vassoura inteiro de distância das traves, aterrissando na grama alta além do campo.

— Péssimo arremesso! — gritou a cabeça destacada do professor de educação física, o senhor Galahad, de dentro



do capacete. À beira do campo, seu corpo coberto por uma armadura estava parado com os braços cruzados.

Mia soltou um suspiro e foi procurar a cabeça do senhor Galahad na grama.

— Por aqui, menina — chamou ele, com seu bigode espesso tremendo.

— Achei o senhor, professor — disse Mia. Ela pegou a cabeça e a lançou de volta para Paprika, mas a cabeça escorregou entre os dedos dele e voou até o outro lado do campo.

— Ai! — rugiu a cabeça do professor, rolando pelo chão. — Preste atenção, menino! Esse capacete não é acolchoado, sabia?

— Desculpa — murmurou Vladimir Paprika, olhando ao redor para os colegas e fazendo uma careta.

A turma do 3ºB já vinha jogando monstrobol contra o 2ºC havia meia hora, e Vladimir ainda não tinha marcado um único gol. Não importava o quanto ele ficasse perto da rede, acertar a cabeça lá dentro parecia uma missão impossível.

Mia sentia pena de Vladimir. Por ser um vampiro, todo mundo esperava que ele fosse forte e veloz, e ninguém entendia por que ele era tão ruim em educação física. Mas Mia tinha descoberto recentemente que ele era, na verdade, meio-vampiro e meio-humano. E, quando o assunto era esporte, com certeza ele puxava mais para o lado humano.

Vladimir fixou os olhos na rede, fez uma careta de concentração e lançou a cabeça mais uma vez. Dessa

vez, ela mal chegou até a metade do caminho antes de bater em alguma coisa e cair no chão. Ele desviou o olhar dos colegas, corando de vergonha.

— Ai! — gritou uma voz do lugar onde o capacete tinha caído. Era Isabel Invisível, colega de Mia.

— Parem de jogar coisas em mim! Já basta ninguém nunca passar o capacete pra mim, agora ainda me acertam com ele na cabeça!

— Ele não fez por mal — disse Mia. Vladimir era seu melhor amigo no Colégio da Mata, e ela não gostava quando os outros eram mal-educados com ele.

— Para de passar pano pra ele — retrucou Penélope Peçonhenta. — Ele é tão útil quanto um caldeirão de chocolate. Faltam só quatro dias para o Dia dos Jogos e, por causa dele, nossa turma vai ficar em último.

— Ele pode não ser um craque no monstrobol — disse Mia, lembrando de algo que tinha acontecido na semana anterior —, mas pelo menos não é um medroso que pula de susto só de ver uma bonequinha minúscula.

— Qualquer monstro de verdade teria se assustado com aquela coisa horrenda — rebateu Penélope.

— Se quer saber, achei até estranho você não ter se assustado.



Mia se remexeu toda. A verdade é que ela era a única aluna do Colégio da Mata que não era um monstro de verdade. Penélope Peçonhenta era uma bruxa, Vladimir Paprika era meio-vampiro e Isabel Invisível era... invisível. Mas Mia era só uma menininha humana. Tinha sido transferida para o Colégio da Mata e fingido ser um monstro da categoria “Tutu” só para poder continuar ali.

O Colégio da Mata era muito melhor do que a sua antiga escola, o Instituto Prímula.

— Vamos continuar com o jogo! — gritou o senhor Galahad.

A cabeça dele tinha caído perto de um formigueiro e seus olhos se moviam frenéticos enquanto uma trilha de formigas marchava na direção das suas narinas.

Enquanto Luan Lobo, o amigo lobisomem de Mia, devolvia a cabeça para o centro do campo, Mia enfiou a mão no bolso de cima da camisa e fez um carinho em Quentin. Seu rato de estimação tremia de tanto que ela tinha corrido. Pobrezinho, Quentin vivia nervoso com alguma coisa.

— Tá tudo bem — disse ela. — Não precisa se preocupar.

— Continuem! — trovejou a voz do capacete do senhor Galahad.

Mia avançou e pegou o capacete. Pôs-se a correr pelo campo, desviando de uma múmia e de um demônio no caminho, e estava prestes a tentar o gol quando Bartolomeu Ossos, o garoto esqueleto, atirou-se sobre

ela. Mia lançou a cabeça do senhor Galahad para o único colega que estava por perto.

Infelizmente, esse colega era Vladimir Paprika.

Vladimir correu na direção do capacete com as mãos estendidas. Mia prendeu a respiração. Dessa vez, parecia que ele conseguiria mesmo pegar. Mas, bem quando a ponta dos dedos estava prestes a tocar a cabeça rodopiante, ele tropeçou nos próprios pés e caiu com tudo no chão.

— Boa viagem! — gritou Penélope Peçonhenta.

A cabeça do senhor Galahad rolou de volta para uma poça de lama.

— Alguém amarrou meus catarços! — gritou Vladimir.

— Pare de inventar desculpas e me tire desta sopa de imundice — resmungou o senhor Galahad.

Mia viu Penélope rindo sozinha na lateral do campo. Ela logo entendeu o que devia ter acontecido: Penélope tinha lançado um feitiço para dar um nó nos catarços de Vladimir. Que maldade! Já era ruim o bastante quando ela zombava do seu amigo, mas usar magia contra ele era o cúmulo. Estava na hora de Penélope provar do próprio veneno.

Poucas coisas metiam medo em monstros. Aranhas, cemitérios e ratos não adiantavam de nada, mas Mia tinha descoberto recentemente que monstros morriam de medo de coisas fofinhas e



cor-de-rosa, como bonecas e ursinhos de pelúcia. E ela sabia muito bem o que poderia assustar Penélope.

Quando a bruxinha correu para pegar a cabeça do professor, Mia gritou:

— Atrás de você! Um coelhinho!

Penélope arregalou os olhos e se virou para olhar, bem a tempo de trombar com Oscar, o garoto sem cabeça. Os dois despencaram no chão. Quando Penélope olhou para Mia, seu rosto estava quase tão roxo quanto o cabelo. Sem nem se levantar, ela esticou o braço e murmurou alguma coisa por entre os dentes.

Mia se abaixou, mas já era tarde demais. Foi como se uma mão enorme tivesse acertado seu estômago. Ela caiu no chão com tanta força que perdeu o fôlego.

Mia se esforçou para ficar de pé e partiu para cima de Penélope. Todos os alunos do 3ºB e do 2ºC cercaram as duas, gritando:

— Duelo! Duelo! Duelo!

Mia estava quase alcançando a bruxa quando uma grande figura surgiu entre elas. Ela parou, de repente. Era o corpo do senhor Galahad. Uma das mãos estava na cintura, e a outra segurava sua cabeça encharcada, o bigode pingando água de poça.

— Já chega, mocinhas. Era só o que faltava uma bobagem dessas — gritou o senhor Galahad. — As duas, para a sala da Direção. Agora!

O rosto de Penélope ficou branco como papel.





# Capítulo Dois

Mia estava sentada numa cadeira bamba de madeira do lado de fora da sala da Direção, mexendo na barra da saia.

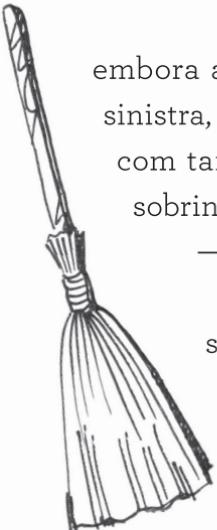
Penélope estava na cadeira ao lado, com as mãos no colo, e Mia notou que elas tremiam de medo. Não era de admirar. Todos os alunos do Colégio da Mata morriam de medo da Direção, e os uivos estranhos vindos de dentro da sala com certeza não ajudavam.

— Por que você está tremendo? — perguntou Mia.  
— Uma bruxa assustadora como você não pode estar com medo da Direção, né?

— Eu não tô com me-me-me-do — disse Penélope.  
— Só estou um pouco co-co-com frio.

— Eu tô achando aqui bem quentinho — disse Mia, recostando-se tranquilamente na cadeira.

Ela tinha descoberto recentemente que a Direção, na verdade, era o fantasma da sua tia-avó Ethel. Daí,



embora ainda achasse a Direção um pouco sinistra, não acreditava que ela fosse puni-las com tanta severidade. Afinal, Mia era sua sobrinha-neta.

— Entrem — disse uma voz lá de dentro.

A grande porta de madeira rangeu ao se abrir. Os lamentos pararam, e uma dúzia de pares de olhos verdes encarou as meninas da penumbra da sala.

Penélope entrou na ponta dos pés, mas Mia atravessou a porta com passos firmes e se jogou em uma das grandes poltronas de couro diante da escrivaninha.

Os gatos miaram e se esfregaram nas pernas de Mia, o que fez Quentin se enfiar ainda mais fundo no bolso.

Mia olhou para ele.

— A gente não vai demorar — sussurrou.

— Você não sabe — retrucou Penélope. — E para de ficar conversando com esse seu rato medroso e idiota. Quem sabe eu não devia trazer meu gato preto, o Sombras, pra escola um dia. Aí, sim, ele teria motivo pra ficar nervoso.

O silêncio se prolongou e Mia começou a se perguntar se aquilo não ia ser mais difícil do que pensava. Afinal, era uma escola para monstros, vai saber que tipo de castigo horrível estava reservado para elas. Será que uma menininha humana conseguiria sobreviver?

A diretora apareceu do nada, fazendo Mia e Penélope pularem de susto. Estava sentada na beirada da escrivaninha, observando as duas por cima dos óculos redondos enormes.

— Pois bem, pois bem — disse ela. — Fiquei sabendo que vocês andaram brigando.

— A Mia que começou! — disparou Penélope.

— Não é verdade — respondeu Mia. — Você foi cruel com meu amigo Vladimir.

— Ela falou que tinha um coelhinho atrás de mim — disse Penélope. — E não tinha coelhinho nenhum!

— Era só uma brincadeirinha, né? — disse Mia. — Não precisava ter lançado um feitiço em mim.

— Mas tem coisas que são sérias demais pra levar na brincadeira — retrucou Penélope. — Não é, diretora?

— Já basta — disse a diretora. — Quando eu estava viva, já escutava reclamações tolas. Não pretendo passar a eternidade ouvindo as mesmas bobagens. Agora, como sabem, o Dia dos Jogos está chegando. E vocês não vão ganhar nada se continuarem com essas briguinhas, não é?

— Não, senhora — responderam Mia e Penélope ao mesmo tempo.

— Acho que vocês duas precisam aprender o valor do trabalho em equipe — disse a diretora. — É por isso que vou pedir que fiquem depois da aula para ajudar o zelador, o senhor Quasímodo, na estufa. Agora podem ir.

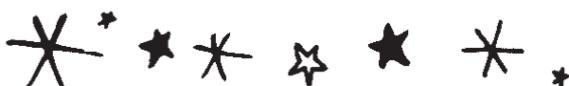
Enquanto seguiam pelo corredor empoeirado, saindo da sala, Mia soltou um longo suspiro de alívio.

Jardinagem parecia uma chatice, mas ainda era melhor do que os castigos monstruosos que ela estava imaginando.

Penélope, por outro lado, tremia mais do que antes.

— Não sei o que tem de tão ruim em regar umas plantinhas — disse Mia.

— Ah, é porque você nunca entrou na estufa do senhor Quasímodo — respondeu Penélope.



Um vento gelado uivava pelos campos enquanto o senhor Quasímodo conduzia Mia e uma relutante Penélope até a grande estufa nos fundos da escola.

— Por aqui — disse o senhor Quasímodo, arrastando os pés enquanto balançava os braços à frente do corpo.

Ele tinha a pele esverdeada, cabelo preto ralo e um nariz achatado. Andava tão encurvado que o nariz quase encostava nos joelhos.

— O senhor Quasímodo é um ogro. E é casado com a enfermeira da escola — sussurrou Penélope.

Mia acenou com a cabeça. As duas seguiram o zelador pelo matagal que se espalhava além do campo, com o sol se pondo atrás do Colégio da Mata. Antes de saírem, o senhor Quasímodo havia entregado a elas macacões de proteção brancos, botas pesadas, luvas laranja e viseiras plásticas transparentes. Era para fazer Mia se sentir mais segura, mas só conseguiu

deixá-la nervosa com o que poderia haver dentro da estufa.

Passaram por uma placa onde se lia:

## **PERIGO: NÃO ENTRE**

— Tem certeza de que é pra gente vir até aqui? — perguntou Mia.

Mas o senhor Quasímodo apenas repetiu:

— Por aqui. — E continuou mancando adiante.

Mia avistou a enorme estrutura de vidro da estufa erguendo-se na margem da floresta densa que cercava os terrenos do colégio.

Ela notou outra placa pregada a uma árvore:

## **PROIBIDA A PASSAGEM DE ALUNOS VIVOS A PARTIR DESTE PONTO**

Penélope engoliu em seco, bem alto.

Mia sentiu Quentin se remexendo no bolso. Ainda bem que ele não sabia ler.

Elas passaram por uma terceira placa de aviso:

## **É SÉRIO, SE VOCÊ AINDA ESTÁ AQUI, É MELHOR IR EMBORA AGORA**

Atrás da placa, a estufa do Colégio da Mata se erguia imensa contra o céu do entardecer.

Era a maior estufa que Mia já tinha visto, com uma estrutura de metal enferrujado sustentando centenas de painéis de vidro. Era difícil enxergar lá dentro por causa dos vidros embaçados, mas Mia teve a impressão de que a massa de plantas lá dentro se mexia. Seu estômago embrulhou e ela xingou mentalmente por ter se metido em encrenca.

O senhor Quasímodo entregou a Mia uma chave enferrujada.

— Tranque depois — disse ele. — Ou teremos sérios problemas.

Ele se virou e voltou cambaleando, todo desajeitado, para o colégio.

— Depois de você — disse Mia.

— Não, valeu — respondeu Penélope. — Tutus primeiro. Mia suspirou.

— Tá bom — disse, e enfiou a chave na fechadura castigada pelo tempo, girando-a com força. Ao empurrar a porta, um bafo quente escapou para o ar frio do início da noite.



A estufa era sufocante, quente. Mia sentiu gotas de suor se formando na testa assim que entrou.

O enorme espaço abrigava fileiras e mais fileiras de treliças de madeira cobertas por trepadeiras verdes e densas, tão crescidas que, em alguns pontos, iam do chão até o teto. E Mia não estava imaginando coisas: as plantas se mexiam mesmo. Ao redor, os cipós mais pareciam minhocas verdes e gigantes, contorcendo-se e se enroscando.



Em vasos de barro grossos, entre as fileiras, brotavam flores vermelhas e brilhantes. Tinham pétalas pontudas que lembravam plantas carnívoras monstruosas. Cada planta era do tamanho de uma árvore. Mia ouvia um zumbido baixo, mas a vegetação era tão espessa que ela não conseguia ver de onde vinha o som.

Algo foi voando na direção delas.

— Abaixa! — gritou Mia.

Ela e Penélope se jogaram no chão assim que a criatura passou zunindo por cima delas. Era um inseto gigantesco — uma mosca do tamanho de uma águia. Quando estava prestes a dar meia-volta para atacar de novo, uma das flores vermelhas avançou de repente e abocanhou o bicho.

Ouviu-se um barulho horrível de algo sendo esmagado, e uma gosma preta espirrou no chão.

Quentin guinchou de medo dentro do bolso de Mia. Pela primeira vez, Mia entendeu muito bem como ele se sentia.

Respirando fundo, ela ficou de pé e foi se enfiando por entre a folhagem emaranhada até um armário no canto da estufa.

— Acho melhor a gente começar logo — disse, entregando um esfregão para Penélope.

— Não vejo por que *eu* deveria fazer isso — retrucou Penélope. — A culpa de a gente estar aqui é *sua*. Você devia fazer tudo sozinha.



— Eu faço a minha parte — disse Mia, começando a limpar as poças de gosma preta que se acumulavam debaixo das plantas.

De vez em quando, lançava um olhar para cima, só para garantir que nenhuma delas estivesse com fome. O líquido era tão grosso que era impossível torcer o esfregão dentro do balde. Resmungando alto, Penélope começou a trabalhar do outro lado do corredor.

Mia ignorou e seguiu com a tarefa. Limpar aquela meleca grudenta já estava sendo difícil, mas regar as plantas era ainda pior. Toda vez que Mia se aproximava com o regador, alguma delas se virava e tentava mordê-la.

— Calma aí, senhora planta — disse ela para uma delas. — Eu não sou uma mosca. Só estou tentando ajudar.

— Ela não entende a sua língua — disse Penélope. — É só uma planta. Mas ainda deve ser mais inteligente do que a maioria dos seus amigos. Ainda mais aquele vampirinho fracote.

— O Vladimir é muito inteligente — respondeu Mia.  
— A nota dele na prova de História dos Vampiros, na semana passada, foi melhor do que a sua, lembra?

Quando Mia terminou, estava suada, irritada e com o macacão branco de proteção todo preto de sujeira. Correu até o armário para devolver o esfregão e o regador. Penélope fez o mesmo, embora nem tivesse terminado a parte dela.

— Tem certeza de que acabou? — perguntou Mia.  
— O que foi isso? — disse Penélope. — Achei ter ouvido alguma coisa.

— Não venha mudar de assunto.  
— Ali embaixo — disse Penélope, apontando para um emaranhado de cipós que se remexia no chão.

Uma lagarta preta e amarela, do tamanho de um labrador, saiu de lá rastejando. Parou por um instante para encará-las com as antenas vibrando no ar, e então começou a avançar depressa na direção das duas.

Mia e Penélope gritaram o mais alto que conseguiram e dispararam na direção da porta, com a lagarta no encalço. Mia sentiu uma das antenas roçar a parte de trás da perna e correu ainda mais rápido.

Penélope disparou para fora da estufa e Mia foi correndo logo atrás, fechando a porta com um estrondo.

